

A Idade do Ferro em Lisboa: Uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material

Lisbon Iron Age: A first approach to a chronological phasing and material culture

Elisa de Sousa¹

Recibido 15/03/2016
Aceptado 20/09/2016

Resumo

A densidade de escavações urbanas realizadas no actual centro histórico de Lisboa têm permitido recuperar um manancial de informação muito significativo sobre a ocupação da Idade do Ferro. Neste trabalho são apresentados os principais resultados destas múltiplas intervenções, procurando analisar a evolução deste núcleo de povoamento ao longo do 1º milénio a.C., focando com particular detalhe as alterações que se verificam no quadro da cultura material.

Palavras chave: Idade do Ferro; Lisboa; cultura material; faseamento cronológico.

Abstract

The high density of urban excavations that took place in Lisbon's historic center has retrieved a significant amount of data related with its Iron Age occupation. In this paper we present the main results of these multiple interventions, in order to establish and analyze the evolution of this settlement throughout the 1st millennium BC, focusing with particular detail the changes that occur in the framework of the material culture.

Key-Words : Iron Age; Lisbon; material culture; chronological phasing.

1. INTRODUÇÃO

Os dados actualmente disponíveis para o estudo da ocupação da Idade do Ferro de Lisboa são já abundantes e permitem caracterizar aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes povoados da fachada atlântica ocidental da costa portuguesa (fig. 1).

O registo arqueológico respeitante a esta fase surge, contudo, disperso pelas múltiplas intervenções realizadas sempre no quadro da arqueologia urbana, situação que levanta vários obstáculos no âmbito de

leituras mais abrangentes sobre a evolução deste núcleo ao longo do 1º milénio a.C.

Neste trabalho pretende-se esboçar uma primeira aproximação a um faseamento cronológico que permita diferenciar horizontes mais específicos desta ocupação, particularmente no quadro da cultura material.

A proposta de faseamento que é aqui apresentada não pretende, naturalmente, assumir um carácter definitivo, uma vez que dados futuros poderão proporcionar novos elementos que permitam uma ulte-

¹ Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia; e.sousa@campus.ul.pt



Figura 1: Localização de Lisboa no território actualmente português
(base cartográfica de V. S. Gonçalves).

rior subdivisão das etapas sugeridas, e uma melhor caracterização dos espólios a elas associadas.

2. O BRONZE FINAL

A ocupação do Bronze Final de Lisboa encontra-se documentada contextualmente apenas nas áreas mais baixas do centro histórico, em concreto na actual Praça da Figueira (fig. 2).

As escavações aí realizadas durante a década de 60 do século passado e, sobretudo, em fase mais recente, sob a direcção de R. B. da Silva, permitiram reconhecer os únicos contextos que são seguramente anteriores à chegada dos primeiros agentes fenícios a esta zona (Silva, 2013).

Os vestígios identificados revelaram a existência de um estabelecimento, aparentemente de pequenas dimensões, implantado numa área de baixa altitude,

que se encaixa perfeitamente no modelo dos “pequenos” povoados do Bronze Final da Península de Lisboa (Cardoso, 2004: 177-178), e cuja ocupação se pode datar em torno aos finais do 2º e inícios do 1º milénio a.C. (Silva, 2013).

Os materiais recuperados, na sua maioria em associação a estruturas negativas, integram-se claramente nas tradições indígenas da região, incluindo taças carenadas, tigelas e vasos de cozinha ou armazenamento de perfis ovalados, esféricos e carenados. A cerâmica decorada é escassa incorporando, ainda assim, um conjunto significativo de peças decoradas com ornatos brunidos (Silva, 2013) (fig. 3). No quadro da cultura material cabe ainda destacar a recolha de alguns elementos denticulados de sílex que atestam a importância das actividades agrícolas neste núcleo, e que surgem com frequência associados a esta tipologia de povoamento (Cardoso e Silva, 2004; Cardoso, 2004; Cardoso, 2010-2011).

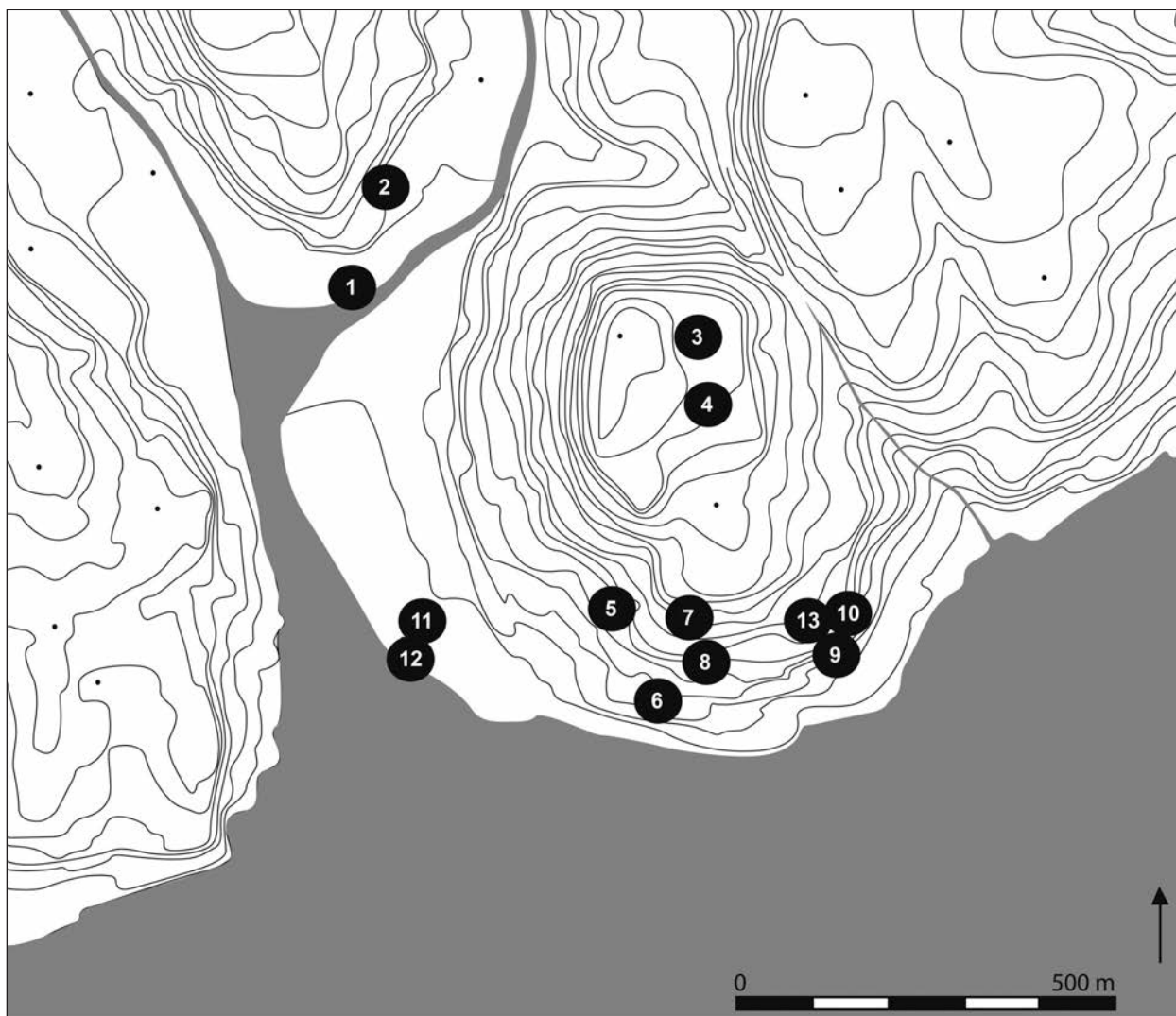


Figura 2: Zonas de Lisboa citadas no texto (1 – Praça da Figueira; 2 – Encosta de Sant’Ana; 3 – Castelo de São Jorge; 4 – Rua do Recolhimento; 5 - Rua de São Mamede ao Caldas; 6 – Casa dos Bicos; 7 - Pátio do Aljube; 8 – Sé de Lisboa; 9 - Travessa do Chafariz d’El Rei; 10 - Rua da Judearia; 11 - Rua dos Douradores; 12 - Rua dos Correeiros; 13 - Rua de São João da Praça (segundo Pimenta, 2005, modificado).

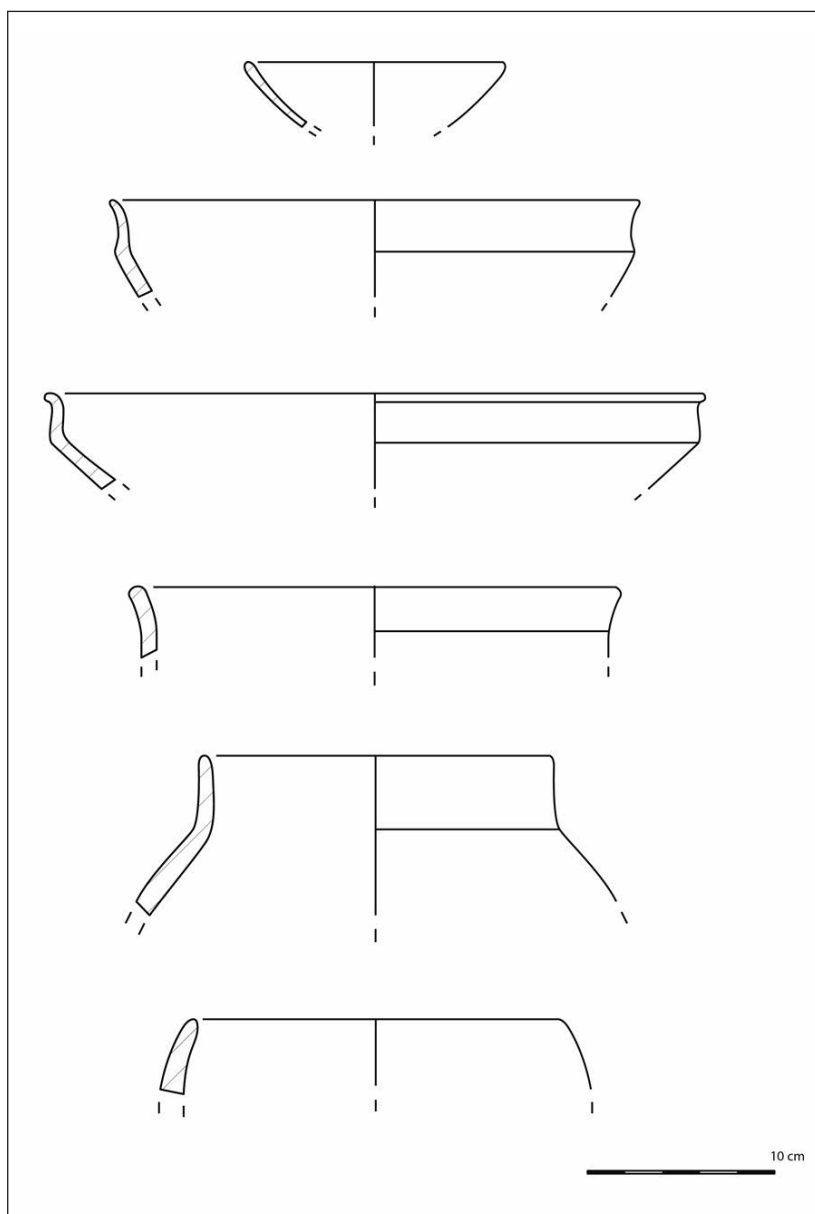


Figura 3: Principais morfologias cerâmicas documentadas nos contextos do Bronze Final da Praça da Figueira (segundo Silva, 2013, modificado).

Uma questão que se encontra ainda por resolver incide nas actuais dimensões deste sítio, uma vez que em área próxima, na Encosta de Sant’Ana, e segundo algumas notas publicadas, se recolheram “(...) grandes vasos de colo ligeiramente estrangulado, com bruniamento exterior e decoração mamilar, e os potes de bordo denteado (...)”(Muralha, Costa e Calado, 2002: 246), que poderão, eventualmente, testemunhar uma ocupação coeva à da Praça da Figueira.

É importante, contudo, salientar que estes vestígios do Bronze Final se concentram numa área distinta àquela que foi ocupada durante o período sidérico, estando, inclusivamente, separados, na Antiguidade, por uma pequena linha de água, a Ribeira de Arroios, ainda que esta fosse facilmente transponível.

3. A IDADE DO FERRO

O início da Idade do Ferro na área urbana de Lisboa acarretou fortes transformações em termos da implantação geográfica do núcleo primário de povoamento, tendo este privilegiado a colina do Castelo de São Jorge, uma elevação favorecida por condições naturais de defensabilidade e, sobretudo, por um notável domínio visual do território envolvente, particularmente em relação ao estuário do Tejo. Esta “transferência” do núcleo de povoamento (se é que de uma transferência se tratou) terá ocorrido apenas com a chegada de populações fenícias ocidentais a esta área, uma vez que, até ao momento, não foram detectados quaisquer níveis do Bronze Final na colina do Castelo (fig. 4).

3.1. Fase I (finais do século VIII / inícios do século VII a.C.)

A fase mais antiga da ocupação humana desta área é, infelizmente, também um dos períodos mais mal documentados. Este momento, balizado entre os finais do século VIII a.C. e os inícios da centúria seguinte, foi identificado, de forma segura, até ao momento, apenas nas escavações realizadas na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014). Trata-se de uma pequena sequência de níveis arqueológicos, depositados directamente sobre o substrato rochoso, que proporcionou um conjunto significativo de materiais. Este é composto por uma relativa

maioria de produções manuais (62%) (fig. 5 – n.º 1 a 4), cujas morfologias e decorações recordam as tradições autóctones do Bronze Final, patentes também na área da Praça da Figueira (Silva, 2013), estando, contudo, associados a outros vasos de clara matriz orientalizante, como é o caso da cerâmica de engobe vermelho (fig. 5 – n.º 8 a 10), ânforas do tipo 1 do Estuário do Tejo (fig. 5 – n.º 15) (Sousa e Pimenta, 2014: 269), cerâmica cinzenta e ainda a uma urna tipo Cruz del Negro (fig. 5 – n.º 16) (Pimenta, Silva e Calado, 2014: 727-730).

Outros dados recolhidos no topo da colina do Castelo podem também ser associados a esta fase. Numa comunicação realizada no IV Congresso Peninsular de Arqueologia, em Faro, em 2003, foram



Figura 4: Colina do Castelo de São Jorge (Lisboa).

apresentados alguns contextos com quantidades apreciáveis de cerâmicas manuais, associadas a ânforas, cerâmicas de engobe vermelho e cerâmica cinzenta fina polida, que sugerem uma cronologia também antiga. É ainda importante salientar que, de acordo com a comunicação apresentada, o famoso fragmento com inscrição em caracteres fenícios recuperado no Castelo (Arruda, 2013: 216, 222; Zamora López, 2014) seria proveniente desses mesmos contextos (Silva, 2013: 59-60). Infelizmente, este trabalho nunca foi publicado, pelo que não se pode afirmar, com segurança, a sua contemporaneidade com a ocupação da Rua de São Mamede ao Caldas, ainda que tal seja muito provável.

Deve ainda referir-se que, em trabalhos recentes, realizados pela empresa ERA-Arqueologia na Rua do Recolhimento, foi possível identificar alguns contextos depositados também directamente sobre o substrato geológico, que permitiram a recolha de alguns fragmentos de taças carenadas de superfícies polidas e vasos de perfil em S de produção manual (fig. 5 – n.º 5 a 7), associados contextualmente a um fragmento de um prato de cerâmica de engobe vermelho, e que poderão ser também datados desta fase (Sousa e Pinto, 2016).

Por último, resta ainda referir um estudo recente efectuado sobre os materiais da Idade do Ferro recuperados nas escavações efectuadas na Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015). Apesar de não ter sido possível identificar contextos primários associáveis à ocupação da Idade do Ferro, foram recolhidos vários fragmentos de cerâmicas manuais, concretamente taças carenadas e vasos fechados de perfil em S, alguns dos quais com decorações brunidas. A existência, nesse mesmo sítio, de algumas cerâmicas orienta-

lizantes de cronologia eventualmente antiga, como é o caso dos pratos de engobe vermelho da forma P1 de Rufete Tomico (1988-1989) (fig. 5 – n.º 11 e 12) e ânforas do tipo 10.1.1.1 (Ramon Torres, 1995), de possível produção malaguenha (fig. 5 – n.º 13 e 14), poderia indicar uma ocupação precoce deste local, quiçá no quadro de um ambiente portuário, em torno a finais do séc. VIII/inícios do séc. VII a.C. (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015).

De acordo com os dados disponíveis, este momento mais antigo da ocupação sidérica de Lisboa caracteriza-se, no quadro da cultura material, por uma presença significativa de produções manuais, cujas morfologias se inscrevem numa clara linha de continuidade com a fase do Bronze Final, uma tendência que se verifica também em termos decorativos, com a permanência, pelo menos neste primeiro momento, das decorações brunidas características da região. No quadro dos materiais orientalizantes, este período é marcado pela presença de cerâmica de engobe vermelho, em particular pelos pratos do tipo P1 e taças de bordo reentrante do tipo C1 de Rufete Tomico, sendo esta provavelmente acompanhada, no âmbito do serviço de mesa, por produções de cerâmica cinzenta, cujo repertório morfológico não é ainda passível de ser definido. Os contentores anfóricos caracterizam-se pela presença de uma única morfologia, enquadrável no tipo 10.1.1.1 de Ramon Torres, incluindo importações meridionais deste protótipo, provenientes sobretudo da área de Málaga, ainda que estas observações se baseiem em meras análises macroscópicas. Durante esta fase verifica-se também já a presença de produções anfóricas locais (tipo 1 do Estuário do Tejo), inspiradas nesse mesmo protótipo (Sousa e Pimenta, 2014: 269). É tam-

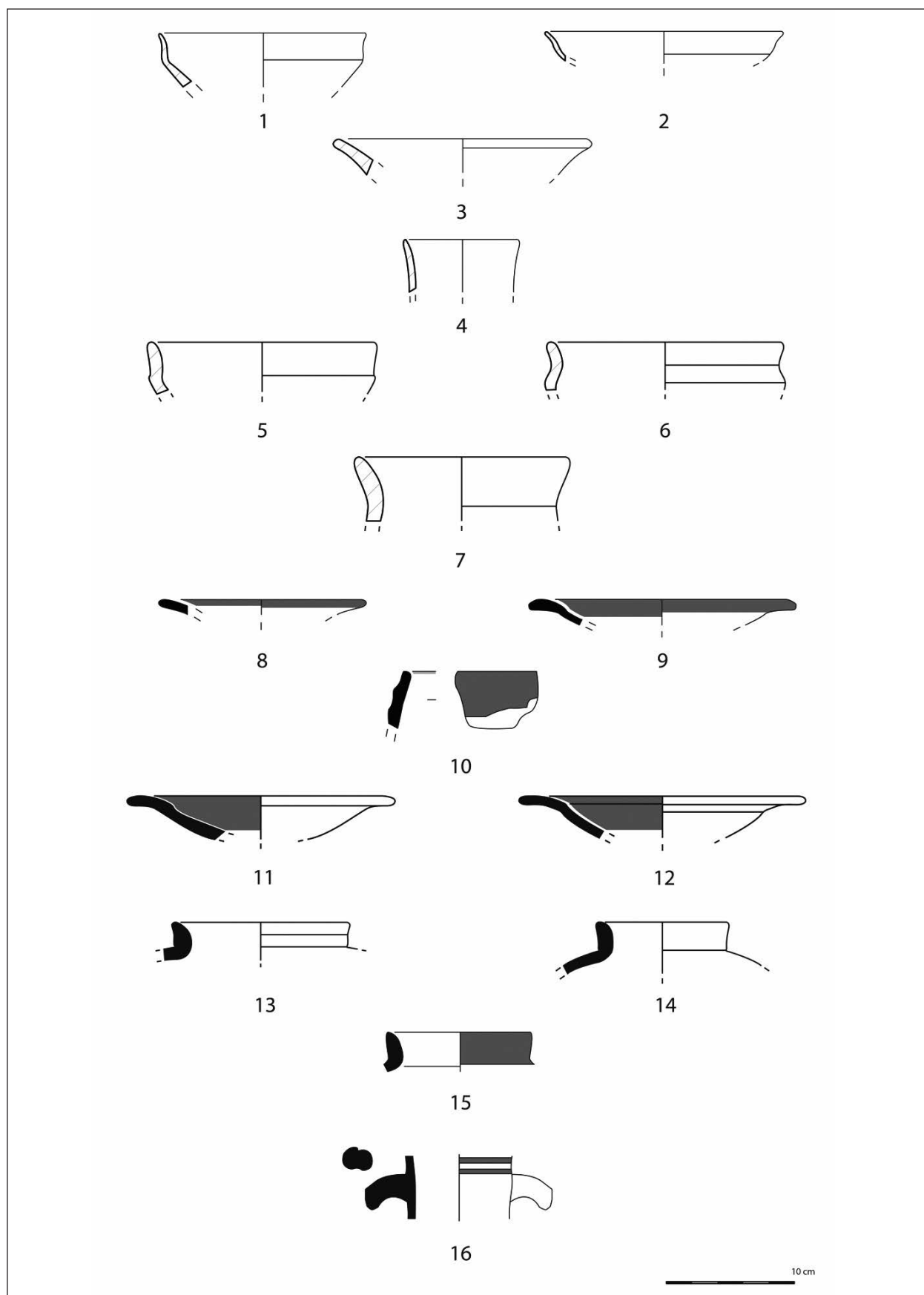


Figura 5: Principais morfologias cerâmicas da Fase I (n.º 1 a 7 – cerâmica manual; n.º 8 a 12 – cerâmica de engobe vermelho; n.º 13 a 15 – ânforas; n.º 16 – urna tipo Cruz del Negro) (segundo Pimenta, Silva e Calado, 2014; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015; Sousa e Pinto, 2016; modificado).

bém muito provável que algumas formas antigas de urnas tipo Cruz del Negro e *pithoi* se possam também incluir neste horizonte cronológico (fig. 5). Será, contudo, necessário esperar pela futura descoberta de novos contextos arqueológicos deste momento para completar o repertório cerâmico atribuído a esta primeira fase, que poderá inclusive englobar outras categorias até ao momento ausentes, como é o caso da cerâmica comum.

3.2. Fase II (século VII / VI a.C.)

A este período segue-se uma segunda fase, datada dos séculos VII e VI a.C., sendo um dos momentos mais bem representados nos contextos arqueológicos da colina do Castelo. É marcado pela consolidação da presença fenícia nesta área, verificável com o aumento exponencial das produções locais que englobam praticamente todas as categorias cerâmicas de cariz orientalizante. Simultaneamente, observa-se uma diminuição muito acentuada dos materiais associáveis às tradições autóctones, particularmente quando comparada com a fase anterior, sendo raros os exemplares de cerâmica manual.

As evidências relacionadas com este momento surgem ao longo da encosta meridional do Castelo, concretamente na Sé (Arruda, 1999-2000), na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014) e Pátio do Aljube (Fernandes *et al.*, 2013), em Alfama, na Rua da Judiaria (Calado *et al.*, 2013a) e Travessa do Chafariz D'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014) e no topo da colina do Castelo, na Praça Nova, e na Rua do Recolhimento (Sousa e Pinto, 2016). Outros sítios poderão ainda ter sido ocupados durante este período, ainda que não tenha sido possível identificar contextos arqueológicos primários, como é o caso da Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015).

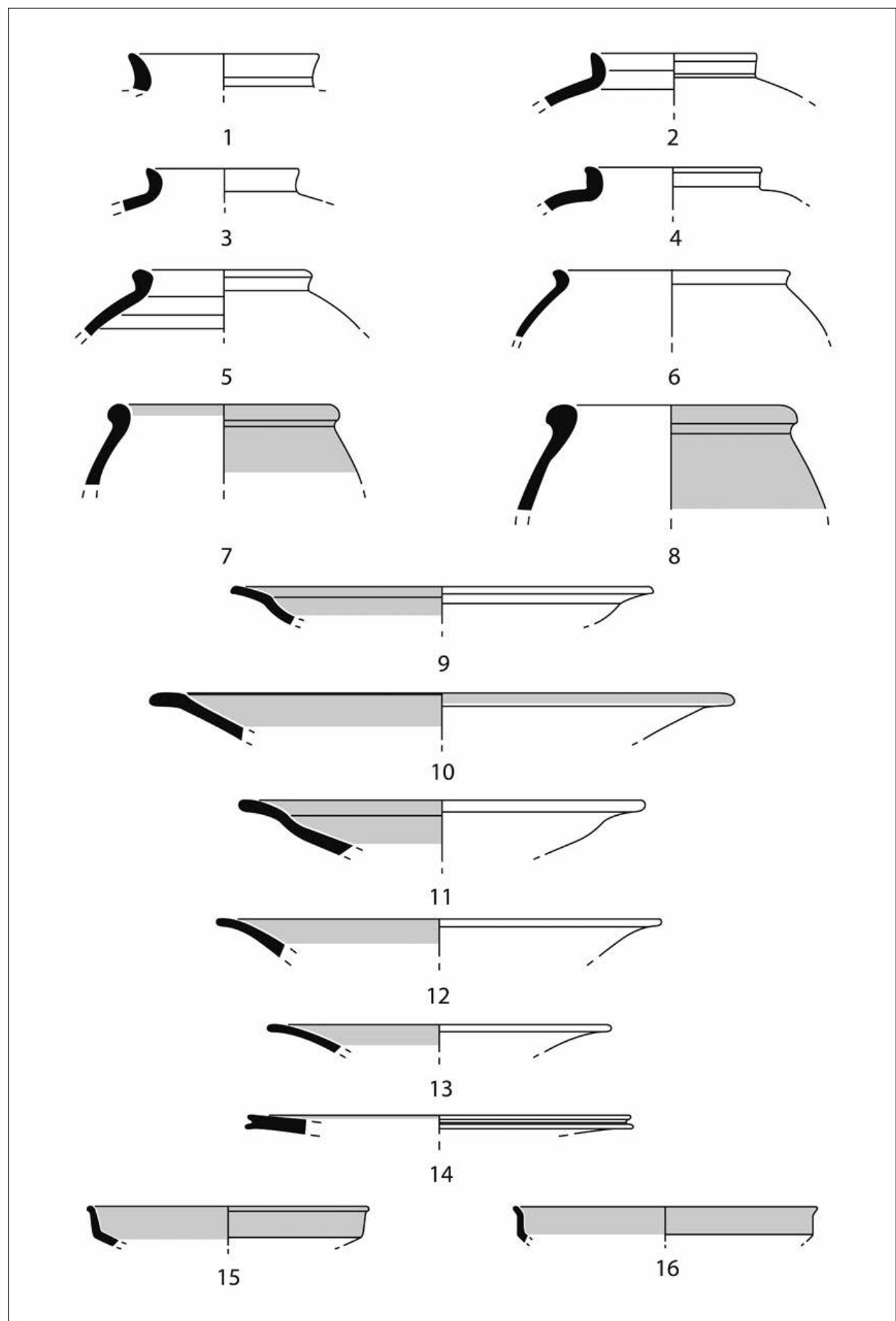
Esta segunda fase da ocupação da Idade do Ferro de Lisboa é, sem dúvida, uma das mais bem representadas nos contextos arqueológicos da cidade. Ainda assim, parece óbvio que este momento poderá, no futuro, ser definido com maior precisão, de forma a distinguir sub-fases que permitam uma melhor caracterização e evolução do repertório artefactual. Para tal é, contudo, fundamental a publicação integral de contextos com amostragens significativas, que possibilitem compreender momentos específicos de introdução e evolução de novas formas nos repertórios das diversas categorias cerâmicas.

De uma forma geral, trata-se de um momento de aparente ampliação dos elencos tipológicos. Ao contrário do que ocorre na fase anterior, as produções manuais são agora raras, correspondendo quase integralmente a vasos destinados à confecção de alimentos e armazenamento, sendo predominantes as cerâmicas a torno de matriz orientalizante.

Ao nível dos contentores anfóricos, persistem ainda exemplares importados da costa sul peninsular, com particular destaque para a área de Málaga, cujas morfologias se enquadram nos tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1 de Ramon Torres (fig. 6 – n.º 1 a 4) (Arruda, 1999-2000; Pimenta, Silva e Calado, 2014; Calado *et al.*, 2013a; Fernandes *et al.*, 2013). No entanto, é neste momento que as produções anfóricas locais adquirem uma maior expressão. A forma mais antiga corresponde ao tipo 1 do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), inspirada nesses mesmos protótipos, que, contudo se destaca, na maioria dos casos, por uma maior amplitude do diâmetro do bordo (média de 16 cm), quando comparada com os exemplares meridionais (10 a 15 cm) (fig. 6 – n.º 5 a 6). Seria, contudo, interessante verificar se esta maior amplitude se manifesta apenas num período mais tardio desta segunda fase ou se é uma característica presente desde a fase inicial destas produções. Um outro modelo local de ânfora que pode integrar-se neste momento, ainda que, provavelmente, já em fases tardias do século VI a.C., corresponde ao tipo 3 do Estuário do Tejo, de corpo mais ovalado, colo curto e ligeiramente estrangulado, e bordo esvertido de secção variável (fig. 6 – n.º 7 e 8) (Sousa e Pimenta, 2014).

A cerâmica de engobe vermelho regista também uma série de modificações no repertório artefactual, destacando-se a introdução de novas morfologias que exibem um considerável paralelismo com a evolução registada para o sul peninsular. Assim, em associação aos pratos da variante P1 de Rufete Tomico (1988-1989), que ainda perduram durante esta fase, surgem também outros mais evolucionados, dos tipos P2 e P3 (fig. 6 – n.º 9), por vezes com bordo bífido (fig. 6 – n.º 14), assim como taças e tigelas dos tipos C3 e C4 (fig. 6 – n.º 15 a 18), que se adicionam ao já conhecido tipo C1.

No entanto, é inegável que as produções locais de Lisboa exibem, paralelamente, outros aspectos morfológicos mais típicos desta área geográfica, que se refletem sobretudo no desenvolvimento acentuado de carenas, visíveis quer nos pratos quer nas taças recuperadas na Rua da Judearia (Calado *et al.*, 2013a), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), Teatro romano (Calado *et al.*, 2013b) e na Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015) (fig. 6 – n.º 20 a 23). Por outro lado, em algumas formas de pratos exumados na Sé (Arruda, 1999-2000), Pátio do Aljube (Fernandes *et al.*, 2013) e no Teatro Romano (Calado *et al.*, 2013b), verifica-se também a presença de bordos mais aplanados, com uma maior sinalização da depressão central, que parece ser também uma evolução própria desta área (fig. 6 – n.º 19). Uma outra referência é necessária ao aparecimento de pequenos potes de corpo globular e bordo esvertido, reproduzidos também em cerâmica cinzenta, que surgem na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000),



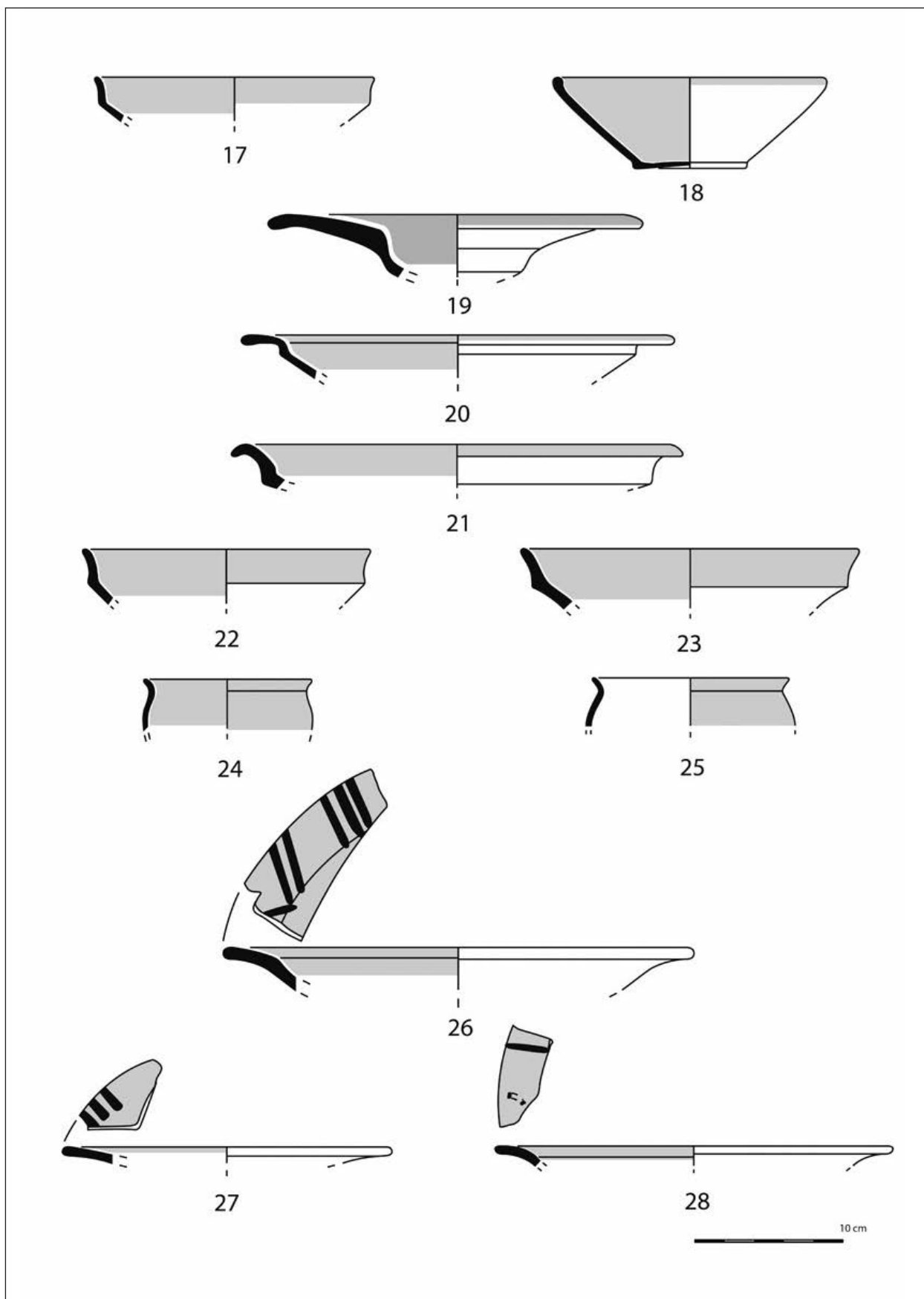


Figura 6: Principais morfologias cerâmicas da Fase II (n.º 1 a 8 – ânforas; n.º 9 a 28 – cerâmica de engobe vermelho (segundo Arruda, 1999-2000; Fernandes *et al.*, 2013; Calado *et al.* 2013; Filipe, Calado e Leitão, 2014; Pimenta, Silva e Calado, 2014; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015; modificado).

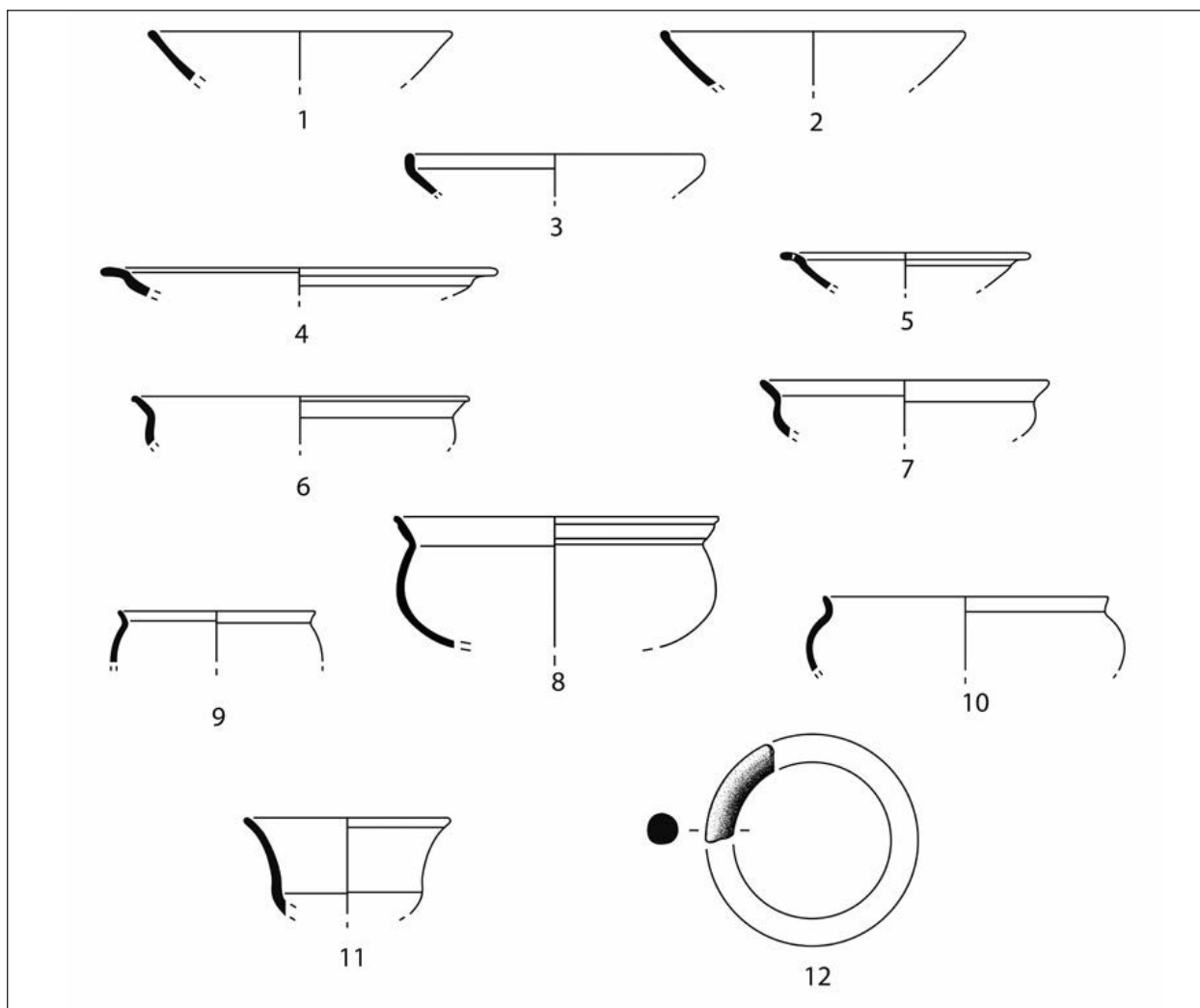
sendo provavelmente destinados ao consumo de líquidos (fig. 6 – n.º 24 e 25). As particularidades das produções de cerâmica de engobe vermelho da área de Lisboa refletem-se também em termos decorativos, com a presença de aplicações de motivos pintados a negro na superfície interna dos pratos, visível em alguns exemplares recolhidos na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000) e na Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015), e também na presença de engobes brancos que surgem na superfície externa de alguns exemplares (fig. 6 – n.º 26 a 28).

Nas produções cinzentas, o repertório desta fase é dominado, sobretudo, por duas formas: a tigela, de perfil hemisférico, ligeiramente carenado ou de paredes rectas (fig. 7 – n.º 1 a 3), e pequenos potes de corpo ovalado ou globular, sendo estes últimos mais frequentes em momentos avançados do século VI a.C. (fig. 7 – n.º 6 a 10). Formas menos recorrentes integram recipientes pouco profundos de tipo prato, com bordo esvertido e aplanado, possivelmente inspirados nas produções de engobe vermelho (fig. 7 – n.º 4 a 5), e também taças de perfil carenado (fig. 7 – n.º 11). Os suportes de cerâmica cinzenta, apesar de raros, pare-

cem também poder incluir-se nesta fase, correspondendo a anéis de secção circular (fig. 7 – n.º 12).

Os vasos com decoração pintada são abundantes neste período e correspondem a *pithoi* de asas bífidas (fig. 7 – n.º 13 a 15), urnas Cruz del Negro (fig. 7 – n.º 16 a 18) e ainda potes de bordo esvertido (fig. 7 – n.º 19), possivelmente utilizados para o armazenamento de alimentos. Neste âmbito, deve realçar-se a existência de pinturas bícromas, a vermelho e negro, que podem formar motivos reticulados, e que são bastante frequentes nesta etapa, assim como a aplicação de engobes brancos nas superfícies externas das peças.

Na cerâmica comum detecta-se, durante esta fase, uma predominância de tigelas (fig. 7 – n.º 20 a 21) e panelas de colo curto e bordo esvertido (fig. 7 – n.º 22). No entanto, também parecem estar presentes algumas morfologias de pratos (fig. 7 – n.º 23) inspiradas nas categorias de cerâmica de mesa, em concreto na cerâmica de engobe vermelho. A futura publicação de contextos com amostras mais significativas permitirá, seguramente, uma ampliação deste repertório.



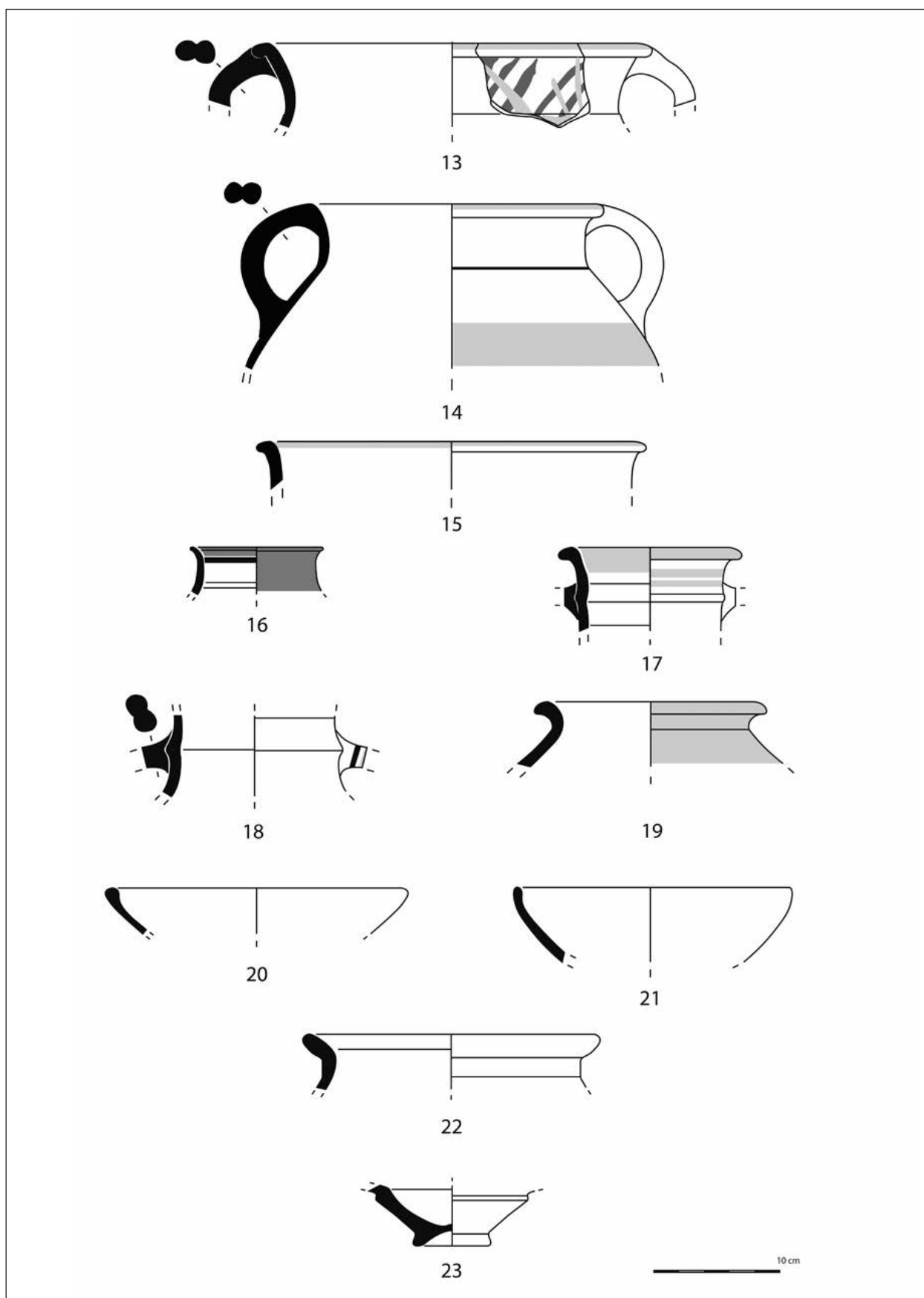


Figura 7: Principais morfologias cerâmicas da Fase II (n.º 1 a 12 – cerâmica cinzenta; n.º 13 a 19 – cerâmica com decoração pintada; n.º 20 a 23 – cerâmica comum) (segundo Arruda, 1999-2000; Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000; Fernandes *et al.*, 2013; Filipe, Calado e Leitão, 2014; Sousa e Pinto, 2016; modificado).

3.3. Fase III (século V / meados do século IV a.C.)

A terceira fase da ocupação sidérica de Lisboa inicia-se em meados do 1º milénio a.C., cobrindo todo o século V e prolongando-se até meados do século IV a.C.

Tal como em outras áreas do território peninsular, este momento que se inicia na sequência da chamada “crise do século VI a.C.”, corresponde a uma fase de profundas transformações no quadro das estratégias económicas, comerciais e sócio-políticas, refletindo-se também no âmbito da cultura material. Em Lisboa, esta fase corresponde ao momento de máxima expansão do núcleo habitacional, que se alarga agora até às áreas mais baixas da colina do Castelo, chegando até à actual Baixa Pombalina (Sousa, 2014).

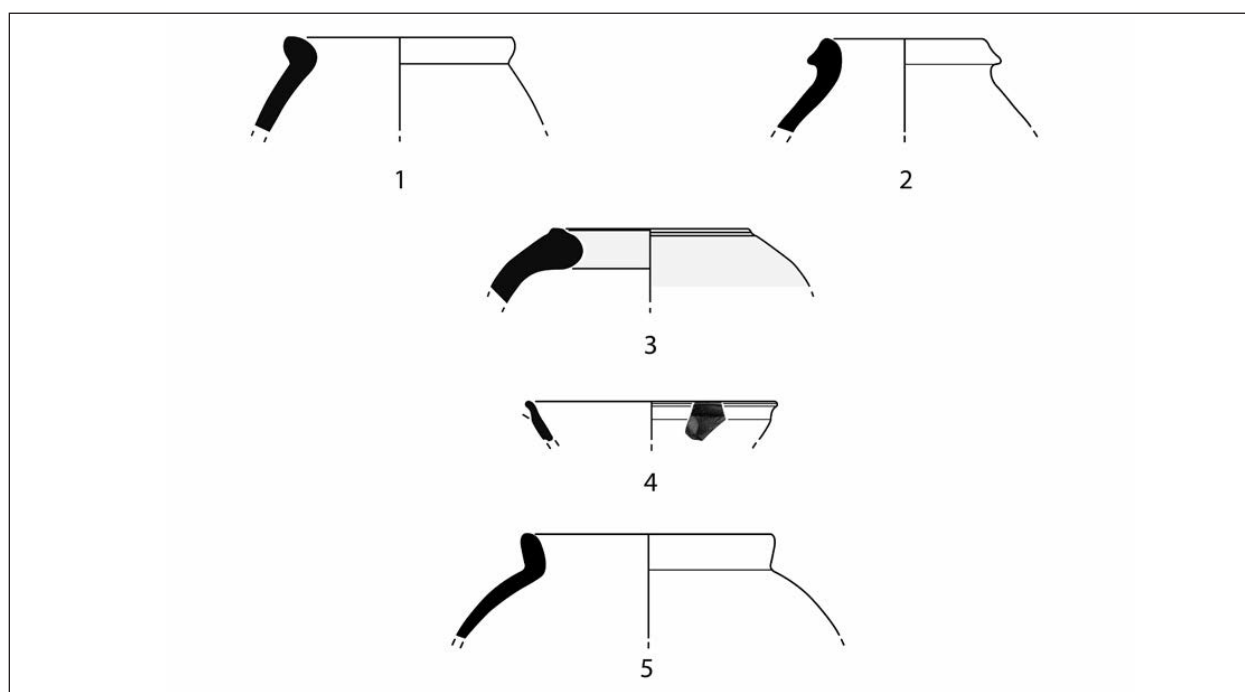
São vários os sítios que proporcionaram materiais que ilustram esta terceira fase, destacando-se a Rua dos Douradores (Cardoso e Carreira, 1993), a Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro, 2015), o Teatro de Lisboa (Calado *et al.*, 2013b), o Castelo de São Jorge, a Travessa do Chafariz D’El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2013) e a Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005, 2014). O mais emblemático, por corresponder a um dos espaços com maior área escavada e que proporcionou um maior acervo de materiais arqueológicos em contextos primários, é, sem dúvida, a Rua dos Correeiros (Sousa, 2014). A escavação aí realizada revelou a existência de um espaço edificado, com vários compartimentos, cuja utilização está balizada entre o século V a.C. e os inícios da centúria seguinte. Esta zona terá acumulado funções habitacionais, como se deduz pela presença de pequenas áreas de combustão, e artesanais, documentadas

pela presença de um forno que possivelmente terá sido utilizado para a produção cerâmica. Não deve, no entanto, excluir-se a possibilidade de a Rua dos Correeiros poder ter funcionado, simultaneamente, como uma área portuária (Sousa, 2014).

O conjunto artefactual aí recolhido foi estudado integralmente, revelando um claro predomínio de produções locais, sendo muito raras as importações. Com efeito, registaram-se apenas quatro recipientes importados num conjunto de vários milhares de peças: uma taça Cástulo, uma ânfora sarda do tipo 4.1.1.3, e duas ânforas do sul da Península Ibérica, em concreto um exemplar muito evolucionado do tipo 10.1.2.1. e um outro do tipo B/C de Pellicer (Sousa, 2014) (fig. 8 – n.º 1 a 4).

As produções locais desta terceira fase são abundantes e diversificadas, exibindo uma série de características morfológicas típicas da área centro-atlântica. Os contentores anfóricos parecem evoluir directamente dos protótipos anteriores (10.1.2.1), não sendo, contudo, de excluir influências pontuais de outras áreas peninsulares. Em geral, diferenciam-se por uma maior amplitude do bordo, na sequência do que se verifica na fase anterior, exibindo, com bastante frequência, asas com uma depressão na zona externa. Ao tipo 1 (fig. 8 – n.º 5) e 3 (fig. 8 – n.º 7) da fase precedente, que ainda subsistem durante este período, juntam-se agora os tipos 2 (fig. 8 – n.º 6), 4 (fig. 8 – n.º 8) e 6 (fig. 8 – n.º 9) do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014).

Na cerâmica de mesa, a cerâmica cinzenta adquire uma maior expressividade quantitativa, sendo representada, sobretudo, por tigelas de perfil hemisférico, recto ou carenado (fig. 8 – n.º 10 a 11), pratos (fig. 8 – n.º 12 e 13) e pequenos potes de corpo oval ou globular (fig. 8 – n.º 14 a 16).



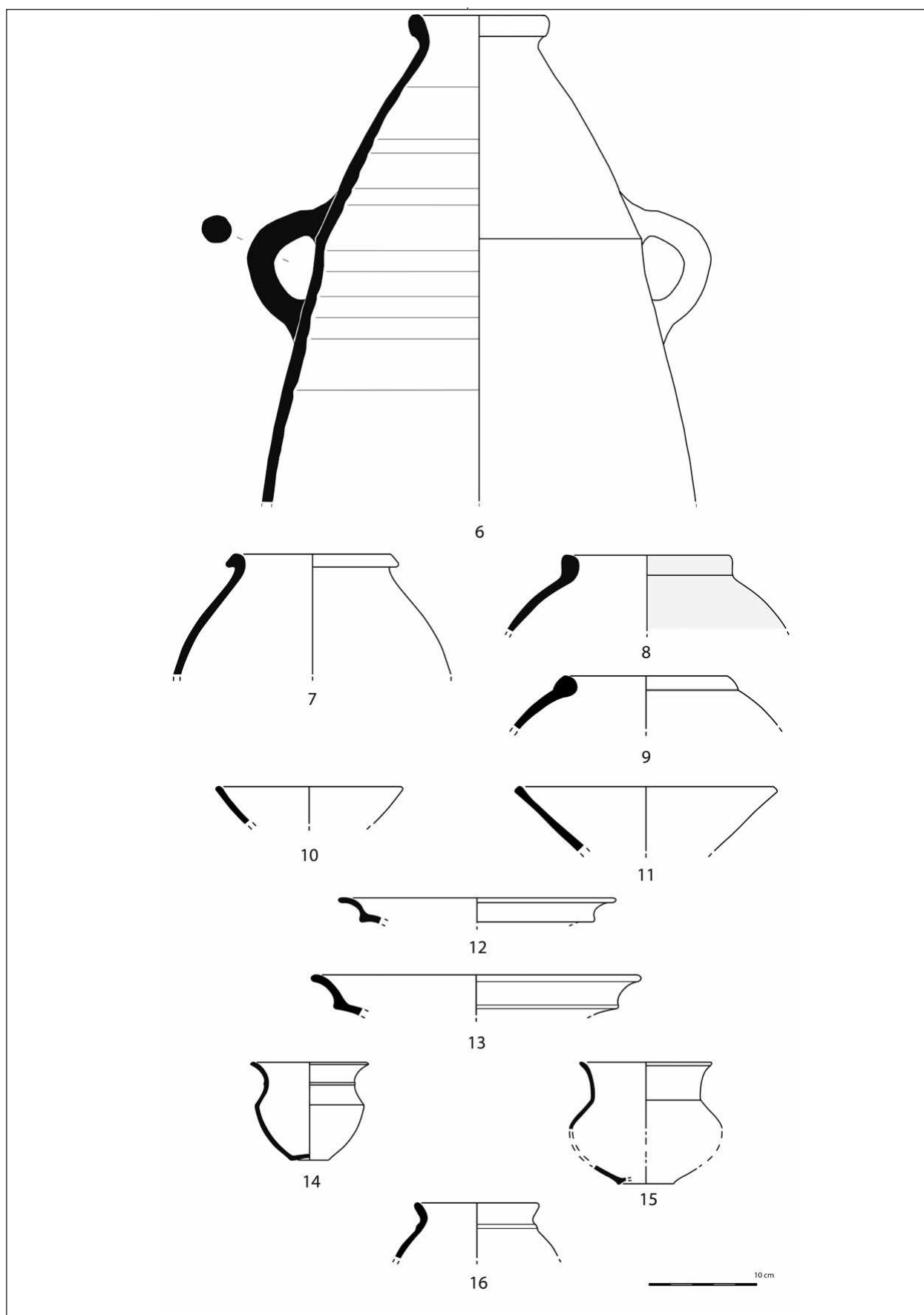


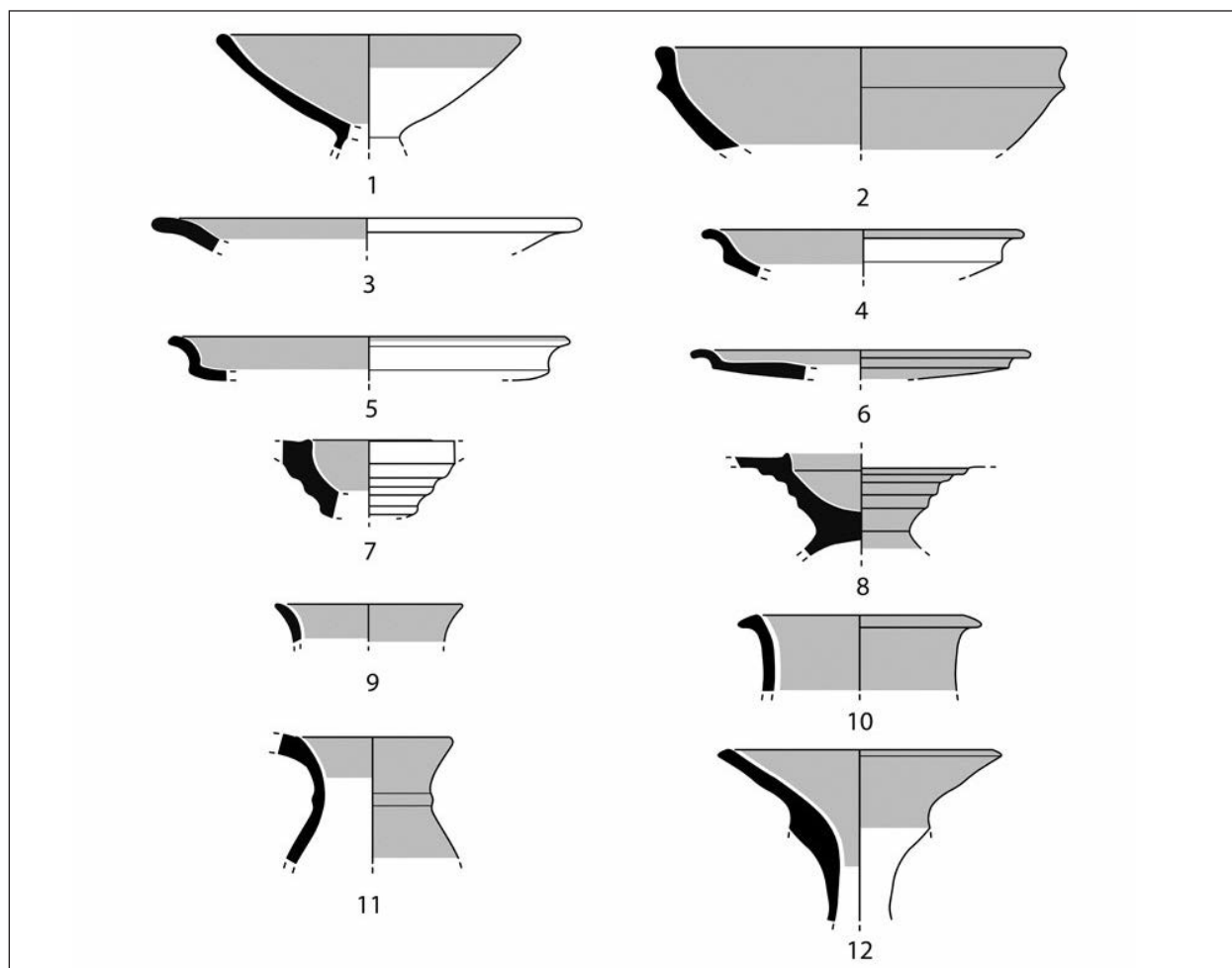
Figura 8: Importações identificadas na Rua dos Correeiros (n.º 1 e 4) e principais morfologias cerâmicas da Fase III (n.º 5 a 9 – ânforas; n.º 10 a 16 – cerâmica cinzenta) (segundo Sousa, 2014; Sousa e Pimenta, 2014; modificado).

A cerâmica de engobe vermelho, ainda que menos expressiva em termos quantitativos, exibe uma notável variedade morfológica, incluindo tigelas (fig. 9 – n.º 1), taças e pratos de perfil variado (fig. 9 – n.º 2 a 6), potes (fig. 9 – n.º 9 e 10) e também páteras de pé alto (fig. 9 – n.º 7 a 8), jarros (fig. 9 – n.º 11) e possíveis queimadores (fig. 9 – n.º 12).

É, contudo, no conjunto de cerâmica comum que podemos apreciar uma notável variedade formal quando comparada com a fase anterior. Nos recipientes provavelmente destinados ao consumo de alimentos, nota-se a tendência de imitação de protótipos das outras categorias da cerâmica de mesa (tigelas, taças, pratos, e páteras – fig. 9 – n.º 13 a 19) que, contudo, denotam, por vezes, aspectos particulares, como é o caso da aplicação de asas laterais. Entre os vasos mais propícios à preparação e confecção de alimentos, surgem tigelas e taças de maiores dimensões e alguidares (fig. 9 – n.º 20 a 21), assim como vasos fechados, usados para cozinhar e armazenamento, com perfis variáveis. Entre estes, alguns parecem evoluir directamente dos *pithoi* da fase precedente (fig. 9 – n.º 26 a 28), e outros parecem estar influenciados por aspectos morfológicos bem disseminados em outras áreas da Península Ibérica, como é o caso das panelas de perfil em S com sulcos na parte superior

do corpo (fig. 9 – n.º 24) ou dos vasos com asas internas (fig. 9 – n.º 25). Deve ainda assinalar-se a presença, nesta categoria, de formas com bocal estreito que podem ter sido utilizadas como jarras (fig. 9 – n.º 29 a 31).

Como referimos anteriormente, as importações durante este período cronológico são escassas, o que possivelmente reflete um relativo isolamento desta área geográfica no quadro dos grandes circuitos comerciais do sul peninsular e da área mediterrânea. Tal situação está patente também na presença de cerâmica grega, que é rara na área urbana de Lisboa, especialmente se atendermos à extensão das áreas intervencionadas. Conhecemos, até ao momento, apenas 18 fragmentos destas cerâmicas recolhidos na zona urbana, refletindo um âmbito cronológico que se estende desde a segunda metade ou mesmo dos finais do século V até aos meados do século IV a.C.. Correspondem, sobretudo, a taças Cástulo, kylikes, krateres, páteras da forma 21/22 de Lamboglia e lucernas (AAVV, 2008; Sousa, 2014: 112-113). A mesma situação reflete-se no quadro das importações anfóricas. Para além dos exemplares da Rua dos Correios (Sousa, 2014), o único outro exemplar que poderá corresponder a uma importação meridional foi recolhido na Travessa do Chafariz d'El Rei, correspondendo a uma Maña Pascual A4 (Filipe, Calado e Leitão, 2013).



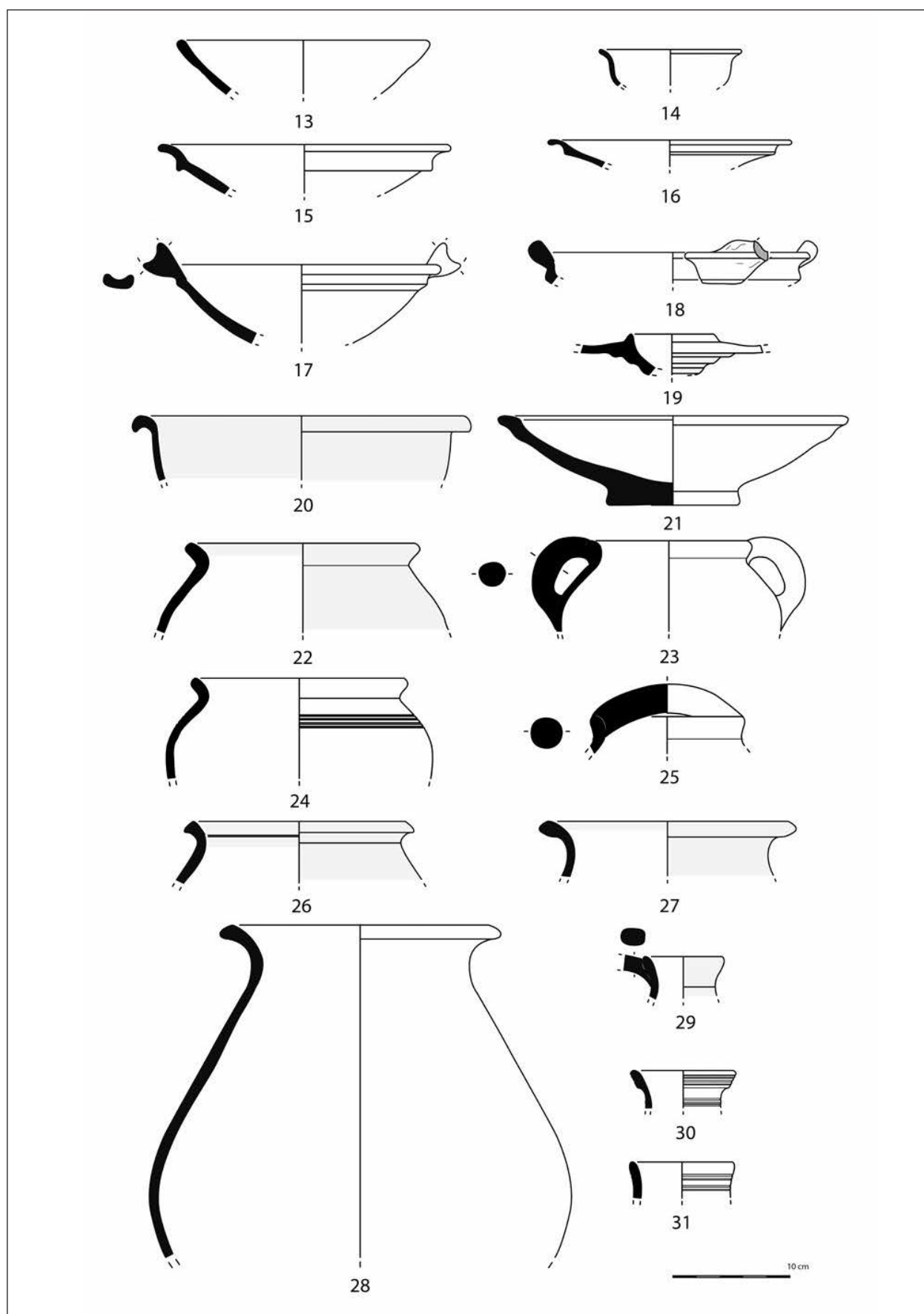


Figura 9: Principais morfologias cerâmicas da Fase III (n.º 1 a 12 – cerâmica de engobe vermelho; n.º 13 a 31 – cerâmica comum) (segundo Sousa, 2014; Calado *et al.*, 2013b; modificado).

3.4. Fase IV (meados do século IV / meados do século II a.C.)

A última fase da ocupação sidérica de Lisboa, que se estende desde meados do século IV até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos, em torno ao último terço do século II a.C., é a menos bem representada, sendo os únicos dados disponíveis para a sua caracterização provenientes das escavações da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005, 2014), podendo ainda assumir-se que na área do Castelo e da Rua do Recolhimento existam elementos que permitem admitir uma ocupação contemporânea.

Esta escassez de evidências não reflete, necessariamente, um período de crise e provavelmente relaciona-se com a dificuldade de identificação deste momento cronológico e com a escassez de dados publicados. Esta situação coloca, naturalmente, grandes dificuldades na tentativa de caracterização do horizonte artefactual desta época, podendo, ainda assim, tecer-se algumas considerações.

Provavelmente, é durante esta última fase que se introduz um novo modelo anfórico, designado por tipo 7 do Estuário do Tejo (fig. 10 – n.º 1 e 2), que está ausente nos contextos de fases anteriores, e que irá perdurar até aos inícios do período republicano (Sousa e Pimenta, 2014). Exemplares mais evoluídos do tipo 6, cuja parte superior denota agora uma tendência claramente horizontal, também se tornam particularmente expressivos durante este período mais tardio (fig. 10 – n.º 3 a 6) (Sousa e Pimenta, 2014).

Na cerâmica comum, observa-se uma aparente perduração das formas da fase anterior, destacando-se contudo o aparecimento de grandes contentores de armazenamento com colos de tendência recta (fig. 10 – n.º 13 a 15) (Pimenta, Calado e Leitão, 2005, 2014).

As produções cinzentas também refletem uma clara continuidade com o momento precedente (fig. 10 n.º 7 a 11). No entanto, é possível que durante esta fase se assista a um fenómeno de imitação nos vasos destinados ao serviço de mesa, que aparentemente se inspiram em formas gregas, como está patente numa taça exumada na Rua de São João da Praça (fig. 10 – n.º 12) (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), onde são aplicadas asas horizontais. Em relação às produções de engobe vermelho, não é ainda possível determinar se estas continuam ou não a fazer parte do repertório artefactual, apesar de sabermos que estas desaparecem num momento anterior ao início da presença romana.

O isolamento que se verifica já na fase anterior parece acentuar-se durante este momento mais tardio, estando, até ao momento, ausentes quaisquer elementos característicos das áreas mais meridionais, como é, por exemplo, o caso das ânforas do tipo Tiñosa, Carmona e mesmo das variantes tardias das Maña Pascual A4. A antiga *Olisipo* parece reintegrar-se nos

grandes circuitos comerciais meridionais apenas com a sua inclusão na esfera romana.

4. CONCLUSÃO

Ao longo do 1º milénio a.C., Lisboa foi um dos mais importantes núcleos da fachada ocidental portuguesa, tendo sido sistematicamente interpretado como um dos mais notáveis exemplos de um povoado indígena que foi progressivamente orientalizado na sequência da chegada de populações fenícias ao estuário do Tejo (Amaro, 1993; Arruda, 1999-2000; Arruda, 2011). A transferência do núcleo de povoamento desde a Praça da Figueira até à colina do Castelo poderia, nesta óptica, ser interpretado como uma adaptação das comunidades indígenas a esses primeiros contactos, garantindo assim o controlo das rotas comerciais que passavam, necessariamente, pelo curso do Baixo Tejo. No entanto, os dados disponíveis obrigam a explorar uma segunda possibilidade: a de a alteração que se verifica em termos de implantação geográfica e a fundação de um novo núcleo de povoamento estar directamente relacionada com a instalação de comunidades fenícias ocidentais no local (Sousa, 2015). Com efeito, toda a ocupação da Idade do Ferro da colina do Castelo está concentrada na sua vertente meridional, claramente orientada para as margens do rio Tejo. As características de implantação do núcleo da Idade do Ferro, numa elevação com amplo controle visual, na foz de uma importante via de comunicação para o interior são típicas (ainda que não exclusivas) da paisagem colonial fenícia. Tal situação reflete, seguramente, novos interesses e estratégias económicas que podem ser facilmente integradas no âmbito de uma política colonial (Sousa, 2015). Esta possibilidade poderia também justificar alguns aspectos que se refletem no quadro da cultura material. É o caso, por exemplo, da rápida incorporação de novas tecnologias, como as produções cerâmicas a torno, que, no espaço de poucos anos, irão dominar o repertório artefactual de Lisboa, sendo as produções manuais escassas ou quase inexistentes, nos contextos dos séculos VII e VI a.C. Por outro lado, salienta-se a importância das produções locais, que incluem todas as categorias ditas “orientalizantes” (*pithoi*, urnas Cruz del Negro, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e ânforas), que se destacam pela sua qualidade em termos de fabrico, mesmo durante as fases mais antigas, denunciando a presença, nesta área, de ateliers e oleiros claramente especializados, que dominam as várias técnicas de modelação, cozedura e de aplicação de pinturas, engobes e agudadas. Neste âmbito, distingue-se ainda a existência de uma produção anfórica, que reflete uma dinâmica comercial e económica que pode ser relacionada, ainda que, mais uma vez, não de forma exclusiva, com ambientes coloniais fenícios. Resta ainda recordar a

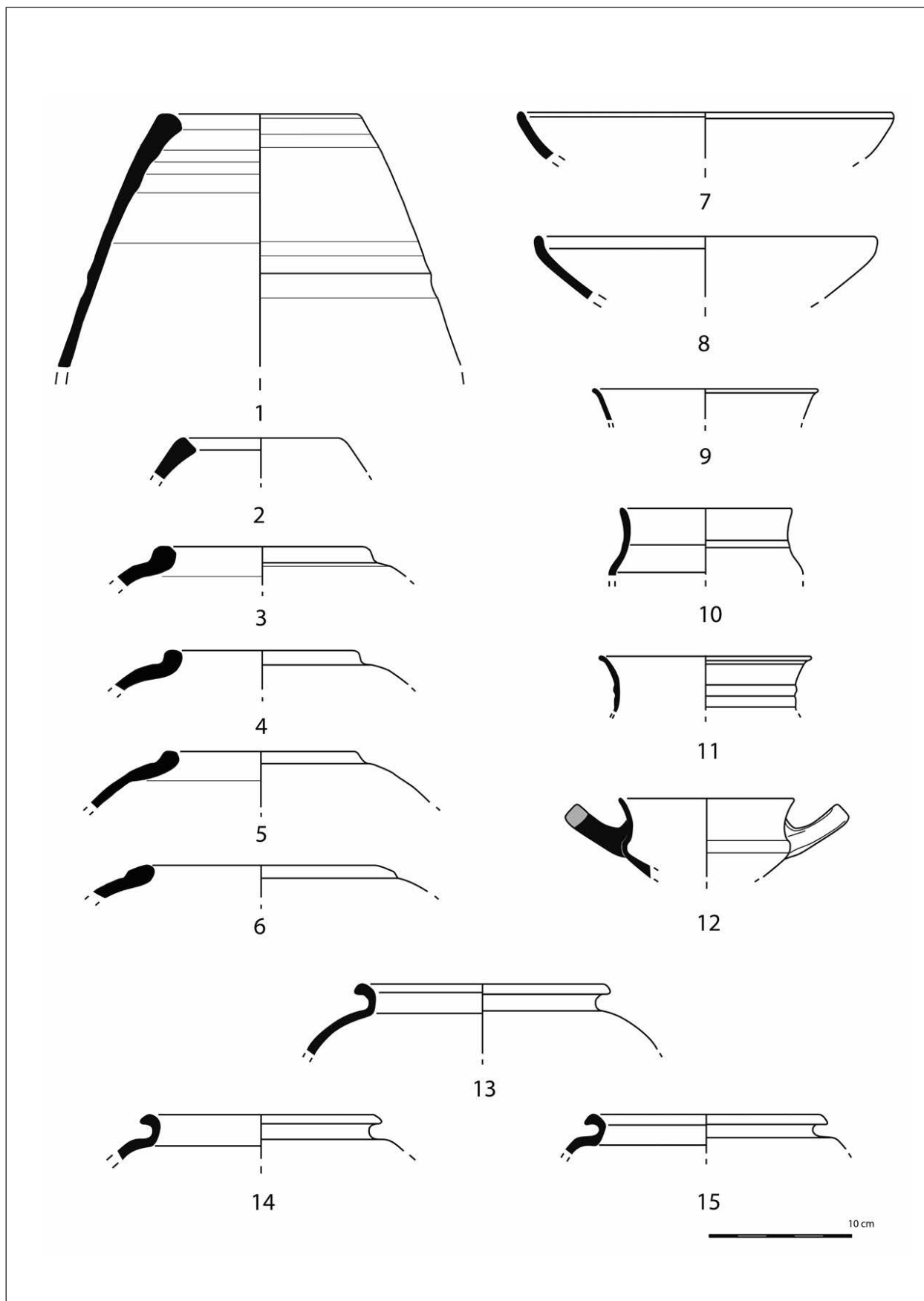


Figura 10: Principais morfologias cerâmicas da Fase IV (n.º 1 a 6 – ânforas; n.º 7 a 12 – cerâmica cinzenta; n.º 13 a 15 – cerâmica comum) (segundo Sousa e Pimenta, 2014; Sousa e Pinto, 2016; Pimenta, Calado e Leitão, 2005; 2014; modificado).

identificação de duas inscrições em caracteres fenícios datadas em torno ao século VII a.C., uma das quais aparentemente funerária, recolhidas na Praça Nova e nos antigos armazéns Sommer (Arruda, 2013; Zamora López, 2014; Neto *et al.*, 2016), que demonstra o uso dessa escrita pelos antigos habitantes de Lisboa.

Estes dados permitem, assim, colocar a possibilidade de este núcleo da Idade do Ferro ter sido fundado por populações fenícias ocidentais, em finais do séc. VIII / inícios do VII a.C. Contudo, esta instalação terá incorporado segmentos significativos das populações autóctones, talvez da zona da Encosta de Sant'Ana/Praça da Figueira, como é sugerido pelas consideráveis percentagens de cerâmicas manuais de tradição do Bronze Final que se encontram nos níveis mais antigos da colina do Castelo. Este fenómeno de incorporação de populações nativas não é desconhecido em outras áreas coloniais fenícias, como por exemplo em La Fonteta (Azuar *et al.*, 1998; González Prats, 1998; Rouillard *et al.*, 2007), Cerro del Villar (Aubet *et al.*, 1999; Delgado e Ferrer, 2007) e em Cádiz (Torres Ortíz *et al.*, 2014).

Este estatuto privilegiado, que concede uma inegável importância a este núcleo do quadro da colonização fenícia do Ocidente Atlântico, poderá também explicar o facto de após o período de profundas transformações que se verifica um pouco por toda a Península Ibérica a partir do século VI a.C., Lisboa desempenhar um papel crucial na reestruturação das estratégias de exploração e de ocupação humana na área do Estuário do Tejo, comportando-se quase como uma “pequena Cádiz centro-atlântica” (Sousa, 2014). Apesar de um relativo isolamento que se verifica neste momento face às grandes rotas comerciais meridionais, que se reflete sobretudo na escassez de materiais importados, Lisboa reorganiza a sua estratégia económica, explorando novas áreas e criando uma complexa dinâmica comercial, ainda que numa mera escala regional, que estabelecerá o seu território sócio-político até à chegada dos romanos, durante o último terço do século II a.C. (Sousa, 2014). No quadro da cultura material, esta situação reflete-se numa maior expressividade de particularidades regionais, transversais a todas as categorias cerâmicas que, apesar de remontarem já às fases finais do período orientalizante, adquirem agora uma clara expressão. Esta tendência parece manter-se constante mesmo durante as fases mais avançadas da Idade do Ferro, configurando um horizonte artefactual muito particular que se altera apenas com a posterior introdução de novos elementos na sequência da conquista romana.

5. BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2008): *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*, Catálogo de exposição Castelo de São Jorge. Lisboa.
- Amaro, C. (1993): “Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa”. *Estudos Orientais* 4: 183–192.
- Arruda, A. M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII–VI a. C.)*. Barcelona.
- Arruda, A. M. (2011): “Indígenas, fenícios y tartésicos en el occidente peninsular. Mucha gente, poca tierra”, in M. A. Martí-Aguilar (ed.): *Fenicios en Tartesos. Nuevas perspectivas*. Oxford: 151–160.
- Arruda, A. M. (2013): “Do que falamos quando falamos de Tarteso”, in J. Campos; J. Alvar (eds.): *Tarteso. El emporio del metal*. Huelva: 211–222.
- Aubet, M. E.; Carmona, P.; Curià, E.; Delgado, A.; Fernández Cantos, A.; Párraga, M. (1999): Cerro del Villar. 1. *El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla.
- Azuar, R.; Rouillard, P.; Gailledrat, E.; Sala Sellés, F.; Badie, A. (1998): “El asentamiento orientalizante e ibérico antiguo de La Rabita (Guardamar del Segura, Alicante). Avance de las excavaciones 1996–1998”. *Trabajos de Prehistoria* 55-2: 111–126.
- Calado, M.; Almeida, L.; Leitão, V.; Leitão, M. (2013): “Cronologias absolutas para a Iª Idade do Ferro em Olisipo – o exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judearia em Alfama”. *Cira Arqueologia* 2: 118–132.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2013b): “Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do Teatro Romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho”, in J. Arnaud; A. Martins; C. Neves (eds.): *Arqueologia em Portugal. 150 años*. Lisboa: 641–649.
- Cardoso, J. L. (2004): *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a. C. até à chegada dos romanos. Um ensaio de história regional*. Oeiras.
- Cardoso, J. L. (2010-2011): “O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 33–74.
- Cardoso, J. L.; Carreira, J. R. (1993): “Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage”. *Méditerranée* 2: 193–206.
- Cardoso, J. L.; Silva, I. M. (2004): “O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7-1: 227–271.
- Delgado, A.; Ferrer, M. (2007): “Cultural Contacts in Colonial Settings. The construction of New Identities in Phoenician Settlements of the Western Mediterranean”. *Stanford Journal of Archaeology* 5: 18–42.

- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013): "Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16: 167-185.
- Filipe, V.; Calado, M.; Leitão, M. (2014): "Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei", in A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos. Lisboa, vol. 2: 736-747.
- González Prats, A. (1998): "La Fonteta. El asentamiento fenicio de la desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante, España). Resultados de las excavaciones de 1996/1997". *Rivista di Studi Fenici* 26-2: 191-228.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002): "Intervenções arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa)". *Al-Madan* 2ª Série-11: 256-246.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. (2016): "Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 19: 123-128.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005): "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-2: 313-334.
- Pimenta, J.; Silva, R.; Calado, M. (2014): "Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15", in A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos. Lisboa, vol. 2: 712-723.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2014): "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça", in A. M. Arruda (ed.): *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos. Lisboa, vol. 2: 724-735.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Amaro, C. (2015): "Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da Olisipo pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 18: 161-180.
- Ramon Torres, J. (1995): *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Barcelona.
- Rufete Tomico, P. (1988-89): "Las cerámicas con engobe rojo de Huelva". *Huelva Arqueológica* X-XI, 3: 10-40.
- Rouillard, P.; Gailledrat, E.; Sala Sellés, F. (2007): *L'établissement protohistorique de La Fonteta (fin VIIIe – fin VIe siècle av. J.C.)*. Madrid.
- Silva, R. (2013): "A ocupação da Idade do Bronze Final da Praça da Figueira (Lisboa). Novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa". *Cira - Arqueologia* 2: 40-62.
- Sousa, E. (2014): *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa.
- Sousa, E. (2015): "The Iron Age occupation of Lisbon". *Madrider Mitteilungen* 56: 109-138.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014): "A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro", in R. Morais; A. Fernández; M. J. Sousa (eds.): *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Porto, vol. 1: 303- 316.
- Sousa, E.; Pinto, M. (2016): "A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão". *Apointamentos de Arqueologia e Património* 11: 59-67.
- Torres Ortíz, M.; López Rosendo, E.; Gener Basallote, J. M.; Navarro García, M. A.; Pajuelo Sáez, J. M. (2014): "El material cerámico de los contextos fenicios del "Teatro Cómico" de Cádiz: un análisis preliminar", in M. Botto (ed.): *Los Fenicios en la Bahía de Cádiz. Nuevas investigaciones*. Pisa-Roma: 51-82.
- Zamora López, J. A. (2014): "Palabras fluidas en el extremo Occidente. Sobre un nuevo grafito fenicio, hallado en la desembocadura del Tajo, que recoge un posible topónimo local", in P. Bádenas de la Peña; P. Cabrera Bonet; M. Moreno Conde; A. Ruiz Rodríguez; C. Sánchez Fernández; T. Tortosa Rocamora (eds.): *Homenaje a Ricardo Olmos. Per speculum in aenigmate*. Madrid: 306-314.